

ARTIGO

Recebido em 03 de março de 2022
Aprovado em 02 de novembro de 2022

A vida rural em disputa com o lucro: notas sobre as percepções éticas do trabalho agrícola nas Geórgicas de Virgílio

Rural life in dispute with profit: notes on ethical perceptions of agricultural
labor in Virgil's Georgics

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v8i2.50591>

Alexandre Cozer

Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Desenvolveu pesquisas a partir do estudo da Literatura Latina em torno de temas das práticas sexuais em Roma, da masculinidade e dos debates sobre os modos de vida a partir da figura do agricultor. Atualmente é professor dos níveis fundamental e médio no Colégio Suíço-Brasileiro de Curitiba.

E-mail: cozeralexandre@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7802-0023>

Renata Senna Garraffoni

Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Desenvolveu pesquisas tanto a partir da Literatura Latina quanto da Arqueologia de Roma, marcadamente sobre a situação social de personagens periféricos, como gladiadores e bandidos; tem também consolidada produção na área de Usos do Passado Antigo e de Teoria Arqueológica. Atualmente é professora de História Antiga na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

E-mail: resenna93@ufpr.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4745-8161>

RESUMO

O presente artigo consiste em um estudo de caso, a partir das *Geórgicas*, com o objetivo central de explorar como o texto de Virgílio, lido a partir de uma perspectiva em que a linguagem poética constrói discursos e não reflete o real, traz à tona significados dissonantes que ainda podem contribuir para outras leituras sobre as intrincadas relações entre economia, cultura e sociedade. Não visamos, com essa escolha, um entendimento da economia como relações de mercado, mas como relações que envolvem conceitos de produção, de ética de trabalho que permitem que percebamos o campo como um lugar de conflito e disputa de saberes e modos de vida. Para tanto, além de apresentar um breve resumo do autor e da obra, optamos por analisar as reflexões sobre posse de terra e pobreza e explorar com carregam o comportamento dos agricultores e as contradições inerentes a ele. Discutir aspectos da condição social e financeira desse agricultor descrito pelas *Geórgicas*, mesmo sabendo que ele não seja necessariamente um personagem real e palpável, implica em refletir sobre as leituras de Virgílio acerca do acúmulo de posses e a participação política, temas fundamentais para uma percepção menos normativa da sociedade romana.

Palavras-chave: *Geórgicas* de Virgílio. Poética romana. Economia rural. Trabalho no campo. Pobreza.

ABSTRACT

The aim of this paper is to discuss how Virgil's *Georgics*, understood from a perspective in which poetic language is subjective and does not reflect reality in an objective manner, can contribute to other readings on the relations between economy, culture and society. To do so the paper will not understand Economy as market relations, but rather as relations that involve means of production and labor ethic. This perspective allows us to perceive the countryside as a place of conflict of interests and different ways of life. We start presenting a summary of the author's life and the *Georgics* and then move to a case study that focus on ownership and poverty to explore the behaviors of farmers and the contradictions inherent to it. Discussing aspects of the social and financial condition of this farmer described by the *Georgics*, even knowing that he is not necessarily a real person, implies discussing Virgil's ideas of land possessing and political participation, fundamental themes for a less normative model to understand the Roman society.

Keywords: Virgil's *Georgics*. Roman poetry. Rural Economy. Rural labor. Poverty.

Introdução

O campo de estudos sobre a economia romana é bastante fértil e as suas bases teóricas remontam ao século XIX, quando este se estabelece como um importante ramo da historiografia sobre a Antiguidade. Não seria exagerado afirmar que, neste contexto, Marx e Weber são figuras-chaves nas discussões, pois suas ideias e concepções influenciaram debates que atravessaram o século XX. Nesses debates, estudiosos marxistas e weberianos fomentaram as principais vertentes de análise como, também, definiram os tipos de fontes mais adequadas a serem empregadas. Remesal (2002, p. 78), por exemplo, discute a diferença metodológica marcante entre as duas escolas de pensamento e argumenta que a defesa de Rostovtzeff, pautada no marxismo, da cultura material como fonte central para o estudo da economia romana foi inovadora no início do século XX, marcando profundamente estudos sobre distribuição e abastecimento de alimentos. Pautar-se na cultura material, em especial ânforas de transporte de azeite, vinho ou salação, para questionar interpretações baseadas exclusivamente em textos literários, conforme Garraffoni e Funari (2006), é uma abordagem retomada em diversos momentos de crítica aos modelos desenvolvidos por Finley, por exemplo, a partir da década de 1960. Isto porque embora vários conceitos empregados por Rostovtzeff tenham sido duramente criticados por se aproximarem muito do moderno capitalismo, sua ênfase na Arqueologia sempre chamou atenção daqueles que discordam dos modelos teóricos desenvolvidos a partir do conceito de “cidade consumidora”, proposto por Max Weber.

Apresentamos essa contraposição, mesmo que brevemente, porque expressa alguns temas que entendemos como relevantes quando discutimos sobre a economia romana. Primeiro que há uma variedade de fontes para serem exploradas e as abordagens se distinguem bastante, gerando interpretações mais ou menos normativas do funcionamento da sociedade. Segundo é a constatação que tal diversidade nos lembra algo que para nós é fundamental e será o fio condutor dessa reflexão: se, no mundo atual, a globalização e o capitalismo não são compartilhados por todos da mesma maneira, esperar que haja uma uniformidade nas formas de organizar o trabalho ou lucrar em Roma, ou seja, que haja uma espécie de unidade homogênea de economia e de visões sobre o trabalho romano é, no mínimo, incompleto.

Neste sentido, considerando os avanços das discussões para se estudar economia romana hoje em dia, entendemos que é fundamental ter claro quais os caminhos teórico-metodológicos que se pretende percorrer e os objetivos. Assim, pensando na proposta deste dossiê, optamos por tomar como fonte de discussão as *Geórgicas* de Virgílio. Com efeito, por muito tempo esse livro foi percebido como impreciso no debate sobre a economia e a agricultura e, até mesmo, como uma opção inadequada de documento para tanto, pois, para alguns, não se tratava de fato de um manual para o cultivo da terra (Troutier, 2009). Nesse ínterim, algumas leituras sobre o livro do poeta foram se estabelecendo, entre elas destacamos as seguintes: 1. Virgílio foi objeto de uma leitura social e entendido como um aristocrata, vivendo em um mundo de latifúndios, incapaz de realmente compreender o cultivo; 2. o poeta foi, também, entendido, com frequência, a partir de valores e ideais augustanos como alguém que defenderia ideais do *mos maiorum*, como a necessidade de trabalhar a propriedade agrária, de manter a posse de terras, de garantir com isso o lucro e o futuro econômico do Império (Grimal, 1992) e 3. baseados em leituras pautadas no modelo de Finley, as interpretações realizadas das *Geórgicas* sugerem que, entre as artificialidades do livro, a maior falha seria a de representar o cultivo agrário autônomo em um mundo que seria marcado pela exploração fundiária baseada totalmente no binômio aristocracia e mão-de-obra escrava.

Diante deste quadro, haveria outras leituras possíveis desta obra de Virgílio? Para responder a essa questão nossa proposta não seguirá as vertentes marxistas ou weberiana já destacadas, mas propõe um deslocamento nas análises, visando explorar o texto poético de Virgílio em sua multiplicidade de sentidos: partindo de reflexões mais caras ao campo da história Cultural, em especial, considerando os modos de vida plurais durante o início do Principado romano, argumentamos que esta obra de Virgílio permite pensar as contradições do trabalho do campo e valores éticos críticos ao modelo da exploração pelo lucro. Não visamos, com essa escolha, um entendimento da economia como relações de mercado, mas como relações que envolvem conceitos de produção, de ética de trabalho que permitem que percebamos o campo como um lugar de conflito e disputa de saberes e modos de vida. Trata-se, portanto, de um estudo de caso, a partir das *Geórgicas*, com o objetivo central de explorar como Virgílio, lido a partir de uma perspectiva em que a linguagem poética constrói discursos e não reflete o real, traz à tona significados dissonantes que ainda podem contribuir para outras leituras sobre as intrincadas relações entre economia, cultura e sociedade. Para tanto, entendemos que a escrita sobre o campo em Virgílio, em especial suas reflexões sobre posse de terra e pobreza, carrega consigo reflexões sobre o comportamento dos agricultores e as contradições inerentes a ele. Discutir aspectos da condição social e financeira desse agricultor descrito pelas *Geórgicas*, mesmo sabendo que ele não seja necessariamente um personagem real e palpável, implica em refletir sobre as leituras de Virgílio acerca do acúmulo de posses e a participação política, temas fundamentais para uma percepção menos normativa da sociedade romana.

Geórgica de Virgílio: sobre o autor e a obra

Geórgica, considerada por muitos como a obra prima de Virgílio, tem por tema os agricultores e, portanto, inclui em seu universo toda a gama de atividades realizadas dentro do mundo rural para o cuidado com a terra, a propriedade, as plantas e os animais que ali vivem, razão essa que optamos por analisá-la como fonte em um artigo que discute relações de trabalho, posse de terra e pobreza. O título deriva da palavra grega *georgos* que pode ser traduzida pelo latino *agrícola*. E por sua relação também com o verbo *georgéo*, trabalhar a terra, Virgílio poderia indicar a relação mais direta com a própria vida ou cotidiano dessa função (Fatham, 2006). Nisso, a figuração da ética do trabalho rural também se coloca no centro dessa obra que se diferencia bastante das *Bucólicas*, por exemplo.

O livro foi escrito ao longo de oito ou nove anos da carreira do poeta, entre os anos 37 e 30 ou 29 AEC. Nesse período, a vida do escritor teria se transformado já que em 40 AEC ocorreu a formação do segundo triunvirato entre Augusto, Marco Antônio e Lépido, gerando instabilidade política e outros tipos de clientelismo político. É provável que seja por isso que Galo, que tanto aparecera como financiador e colega do autor nas *Bucólicas*, agora será progressivamente substituído por Mecenas, o que insere o poeta mais diretamente no ciclo de influência do futuro imperador. Em termos de metro e gênero, como toda a obra do poeta, as *Geórgicas* estão compostas em hexâmetro datílico, estilo que se consolida nas variantes do epos desde Homero e Hesíodo. A poesia é entendida por muitos como didática, dada a sua função em ensinar ao público as técnicas de plantio, cultivo e cuidado com a produção rural. Nisso certamente se verifica um importante diálogo entre Virgílio e Varrão, seu antecessor no tema dentro do contexto romano e que teria inspirado nosso poeta tanto a seguir suas divisões da obra, separando livros para o cuidado com

as plantas e outros para o cuidado com os animais, quanto a realizar um manual mais abreviado do que os que existiam sobre o tema dentro do mundo grego e púnico (Gomez de Miguel & Bautista Bergua, 2011).

Entretanto, seguiremos a concepção defendida por Oliva Neto (2013) de que o gênero dessa poesia é melhor lido enquanto epos, conceito que se diferencia da didática porque retira dela a única função de ensino das técnicas e adiciona o que o autor defende como “conceito ético” do gênero. Nesses termos, o tipo poético seria definido em primeiro lugar pela forma compositória dos vates, mas que se desenvolve também enquanto necessidade de representação de temáticas importantes como os heróis, os vencedores, os deuses, e ainda se estende para a vida exemplar dos humanos (“critério ético”), o que explicaria a escolha de Virgílio pela Bucólica com o ócio dos pastores e pela Geórgica com o trabalho dos agricultores. Dessa forma, é muito reconhecido que Virgílio tenha se inspirado, também, na obra de Hesíodo e de Lucrécio, ambos da mesma tradição de epos com aspectos filosóficos ou pedagógicos¹.

Em certa medida, as percepções de Virgílio, apesar de inspiradas por esses dois poetas, são muito pouco ortodoxas no sentido de manter, também deles, as doutrinas. Sobre o trabalho, por exemplo, o poeta joga com as concepções tanto de Hesíodo quanto de Lucrécio, assumindo simultaneamente a crítica à riqueza, um aspecto fatalista com relação à labuta em algumas situações e, em outras, uma visão admirada de que cultivar a terra incansavelmente pode levar ao encontro da felicidade. Para Gale (2008), a leitura virgiliana de mundo deve ser pensada em sua heterogeneidade, e uma das maiores mostras disso está na *remitologização*, em que o poeta, absorvendo o âmbito divino e mitológico em que se passa a poesia épica, leria a natureza não de modo completamente epicurista, mas flertando com as explicações célebres da literatura como a da transformação da Idade do Ouro para a do Ferro (Zanler, 1988; Galinsky, 1996). Assim, a autora defende, depois de um estudo sobre as influências poéticas das Geórgicas, que esta é uma poesia simultaneamente polifônica e heterodoxa (Gale M., 2004, p. 272).

A complexidade das ideias que circulam em Virgílio também pode ser percebida em uma breve apresentação da estrutura da obra e dos temas que o poeta desenvolve. As Geórgicas são divididas em 4 livros que tematizam ambientes da vida agrícola, formas de trabalho e que representam, por conseguinte, a vida dos camponeses de maneira específica em cada contexto. No livro 1, o poeta aborda sobretudo o cultivo dos cereais. A narrativa se inicia com um elenco dos deuses que cuidam desse tipo de atividade, passa para o elogio do arado, explica como prever o tempo, que pode ser útil aos agricultores, elabora ao final um hino a César. No livro 2, o tema do ensino são as plantas frutíferas, e em especial a uva. Nesse âmbito, entretanto, surge também o elogio da vida dos camponeses, a enumeração dos tipos de terra, um louvor à fertilidade da Itália conhecido como *laudes italiae* e um hino em celebração da primavera.

Os livros terceiro e quarto são percebidos, na maioria das vezes, como diferentes dos dois primeiros da obra (Michel, 2015), e alguns autores chegam mesmo a questionar o quanto teriam de serventia didática. Neles, encontramos a realidade do cuidado com os animais de uma propriedade, mas também surgem elementos de épica tradicional como narrativas sobre batalhas, epílios sobre personagens mitológicos que indicariam que o poeta já se treinava no gênero narrativo que adentraria com a Eneida, o

¹ Embora aqui tenhamos destacado esses dois autores, vale ressaltar que existe uma enormidade de inspirações e de diálogos na obra das Geórgicas. Diversas concepções de Aristóteles em seus estudos sobre os animais, percepções dos próprios romanos sobre o mundo rural, um diálogo importante com Aratro na sua descrição dos fenômenos celestes, debates poéticos com Calímaco, relações filosóficas com outros representantes da filosofia epicurista no mundo grego e até mesmo transposição de versos e ideais de Homero estão presentes, por exemplo (Xinyue & Freer, 2019; Gale, 2004).

que é marcado pela proximidade do episódio de catabase que aparecem nos dois livros. Para Grimal (1992), essa mudança seria marcada pela influência que Mecenas começa a exercer diretamente na vida do poeta a partir dos anos 34 ou 33 AEC. Assim, o terceiro dos livros se inicia com um próêmio às Geórgicas, embora no meio da obra, em que Virgílio menciona Augusto; aborda em seguida o cuidado com os grandes animais (bovinos e equinos), separadamente aquele com os pequenos (ovinos, caprinos e caninos), desenvolve disso uma sagração do amor como potência unificadora entre as espécies, escreve um epílio sobre a peste. No quarto livro, escolha intrigante, o poeta aborda unicamente o cultivo das abelhas, as elogia com uma metáfora da sociedade humana e supra-humana, aborda o imaginário jardim do “velho de Tarento”, e escreve de maneira associada e pouco relacionada ao cultivo sobre a narrativa do mito de Aristeu, e em seguida de Orfeu e Eurídice antes de apresentar um fechamento para o recolhimento.

Como se pode perceber pelo breve arrolamento dos temas, uma das marcas dessa poesia é sua capacidade de, apresentando temas do cotidiano, desenvolver percepções sobre a natureza e sobre o comportamento humano na relação com essa. Em verdade, muitas leituras já chegaram a desmerecer, nas Geórgicas, a realidade didática da obra por considerar que o objetivo verdadeiro do poeta fosse antes político ou elogioso de Augusto e da Itália pelos episódios em que isso aparece (Robert, 1985; Vidal, 1990; Marcone, 2011). Tal hipótese poderia inclusive ser reforçada pelo fato de faltarem conselhos na obra sobre a venda, o comércio, o lucro, a relação com os vizinhos e até mesmo sobre a relação com a família (sanguínea ou de escravos) que poderia ter um proprietário. Nesse sentido, se veria as Geórgicas como apartadas da realidade campestre, e se reforçaria com isso uma visão que surgia inclusive na Antiguidade se retomarmos, por exemplo, a leitura de Plínio o Velho, que sugeria que os verdadeiros trabalhadores do campo não poderiam entender os conselhos do poeta; ou mesmo a ideia de Seneca, na sua carta 86 a Lucílio, para quem Virgílio queria mais gerar prazer nos ouvintes do que ensinar os agricultores (Doody, 2007).

Entretanto, a ideia de que o poeta teria diminuído a importância da precisão de seus conselhos agrônômicos em prol de uma função política ou propagandística para a agricultura é, certamente, imprecisa. É importante retomar que Virgílio era, ele próprio, proveniente do mundo rural e encontram-se pouquíssimos erros de precisão em suas descrições sobre a agricultura (Spurr, 2008). Com isso, é certo que muitos dos leitores das Geórgicas pudessem tanto entender de algumas das técnicas que o poeta comentava quanto compartilhar do profundo interesse cultural que existia nessa sociedade sobre a vida no campo (Thibodeau, 2011). Por outro lado, vale ressaltar que Virgílio realiza uma leitura seletiva sobre as técnicas de agricultura, deixando de lado não apenas visões, mas, também, assuntos importantes provavelmente por considerar que não cabiam ao gênero do epos (Thomas, 2008). Assim, nessa preocupação com a variedade e com os temas da ética, e sem perder de vista a vida dos agricultores, o poeta se permite elaborar, no epos, concepções sobre a agricultura e sobre a ética da vida e do trabalho agrário. Nesse contexto, suas concepções e valores podem indicar percepções romanas não apenas sobre a vida agrícola, mas também sobre o trabalho e as implicações das condições econômicas dos camponeses. No caso do presente artigo, como exemplo de sua potencialidade de reflexão, optamos por analisar a produção de riqueza do trabalhador geórgico e as implicações éticas da capacidade de enriquecimento com a agricultura.

O elogio da pobreza agreste

Para compreender melhor o tipo de vida agrícola que Virgílio descreve em seu livro, um primeiro passo necessário é entender a que mundo rural o poeta se refere. No período de transição da República para o Império, Roma via crescer na Itália a pobreza e a carestia, ao mesmo tempo em que as propriedades privadas aumentavam e originavam imensas fazendas, conhecidas como *villae*. Essa Roma do corpo administrativo senatorial e cavalheiresco, é vista como aquela que consolida a noção de propriedade privada familiar, de enriquecimento, de diferenças sociais (Garraffoni & Cozer, 2020). Por outro lado, também circulava no meio intelectual romano, mesmo que contraditoriamente, a ideia de que a pobreza era formadora de caráter e mais apropriada para a construção de uma ética mais correta. Essa *infirmia paupertas* enquanto valor ético, como descreve Galinsky (1996), tem importância na relação com o campo sobretudo porque tornaria admirável aquela vida camponesa simplória com a qual ele é associado na ideia de *rusticidade* enquanto felicidade rural.

No caso da poesia de Virgílio, entender quem é esse camponês auxilia tanto a perceber sobre o rural que ele descreve quanto a entender que tipo de valores ele seleciona para sua obra. No mundo bucólico, independente da classe social, o que unificava esse universo era a vida ociosa daquele pastor que descansava à sombra em um sol elevado e com os animais de estômagos repletos. No mundo geórgico, entretanto, esse agricultor desempenha enorme quantidade de atividades e se vê atrelado à uma propriedade e não mais a um bosque de uso comum ou *silva*. Esse aspecto de posse, bem como a diversidade de produções que ocorre em uma propriedade, certamente transforma a vida. De uma perspectiva político-historicista que leve muito a sério a filiação de Virgílio com os ideais augustanos, autores como Julien Troutier (2009) podem defender que o poeta realiza um elogio da posse de terra e de seu cultivo de maneira abrangente. Apesar de diversas menções a uma idade do ouro, o poeta estaria determinando a vida do campo e do enriquecimento como a única vida possível, por isso valorizando a propriedade rural. De fato, como argumenta Spurr (2008), Virgílio descreve técnicas que dificilmente se veriam em uma pequena lavoura. No livro 1, tratamos da rotação de culturas e do pousio de dois anos em um pedaço de terra (*vide infra*). No livro dois, não apenas da seleção de árvores, mas a associação delas – técnica comum no plantio das vinhas – e ainda a produção em grande quantidade delas também são mencionadas. No livro três, dentre os animais descritos, o porco está ausente, mas o cavalo presente; ora, sabemos que a posse de um equino era motivo de engrandecimento financeiro e pessoal na sociedade romana, tanto que Augusto iria oficializar uma classe social de *equestres* no censo (Le Glay, Voisin & Le Bohec, 1991).

No entanto, esse mesmo rural não é apenas riqueza. Em termos de enunciação, Virgílio normalmente utiliza de uma retórica do *tu* como se estivesse se dirigindo de fato a um agricultor e implicando o ouvinte na fala. Esse sujeito, para que possa desempenhar todas as funções que o poeta quer ensinar, figura como personagem que dispõe de todas as ferramentas, mas que também precisa realizar sozinho todas as atividades. Uma única vez Virgílio menciona a existência de uma esposa que fia a lã enquanto o camponês trabalha na lavoura, mas nem mesmo referências ao certo compartilhamento de funções entre um casal existe. Os únicos submissos ao agricultor são seus animais e suas plantas, cujos desejos e necessidades devem, muitas vezes, ser atendidos em prol de um bom resultado na colheita.

Assim, de maneira um pouco curiosa, se assumimos que todas as atividades do livro devam acontecer na mesma propriedade – o que não é necessariamente pressuposto da obra – podemos resumir que as Geórgicas representam um campo rico e variado, provavelmente um *latifundium*, mas seu dono, ao contrário, seria o pobre camponês autônomo que deve produzir uma diversidade de alimentos na busca pela sua própria subsistência. Esse dissenso, em Virgílio, tem certamente dois motivos. De um lado serve para garantir que esse contexto descrito dê azo às necessidades didáticas da poesia geórgica, de outro, certamente apresenta determinadas características éticas para o poema (Michel A., 2015, p. 1128).

Embora a exploração individual nos pareça antes uma artificialidade necessária para a poesia, é importante perceber os elementos críticos que esse autor pode apresentar com relação inclusive ao latifúndio, outra artificialidade, e como as reflexões sobre a terra e o trabalhador apresentam ideais comportamentais. No segundo livro, por exemplo, o poeta de fato realiza um elogio daqueles camponeses que vivem de maneira simples:

*fortunatus et ille deos qui novit agrestis
Panaque Silvanumque senem Nymphasque sorores.
illum non populi fascas, non purpura regum
flexit et infidos agitans discordia fratres
aut coniurato descendens Dacus ab Histro;
non res romana perituraque regna; neque ille
aut doluit miserans inopem aut invidit habenti. (II, 493-499)*

Bem afortunado aquele agreste que conheceu os deuses Pã, o velho Silvano e as irmãs Ninfas. Os feixes do povo nem a púrpura dos reis, nem a discórdia dos irmãos infiéis ou o Dácio que desce do Histrião, nem os destinos de Roma se voltaram para ele; e nem sofre da pobreza, nem inveja quem mais tenha.²

Nesse trecho, que participa do chamado “Hino aos camponeses”, Virgílio está discutindo de modo geral toda a relação de oposição que ele cria entre o trabalho do campo e as lógicas de enriquecimento e de conflitos existentes na cidade. O hino se inicia com a afirmação de que se o camponês souber valorizar os bens que tem, encontrará a felicidade em sua propriedade (v. 458). Em seguida, enumera os elementos que contribuem para a ruína da paz e da harmonia entre os povos, dentre eles a inveja e o luxo. Esse camponês não corrompe o óleo de oliva com a canela nem procura colorir a lã (vv. 465-470). Ele tampouco invade outras cidades pelo desejo de destruir os penates alheios (vv. 505-506). Recusando esses valores evidentemente urbanos e luxuosos, daquelas *villae* que mencionamos anteriormente, o agricultor é feliz quando conhece, como vimos, as forças da natureza e os deuses que, aqui, são sobretudo os da floresta – e pouca menção existe aos deuses da plantação, já que o livro II trata das árvores frutíferas, que exigem menos trabalho do que as searas. Assim, Virgílio advoga para que a vida do campo seja feliz em distinção da vida urbana, em que difere de Hesíodo³.

² Todas as traduções do Latim foram realizadas por Alexandre Cozer.

³ No verso 313 d’*Os trabalhos* Hesíodo, elogiando também o trabalho do agricultor, tem uma posição menos negativa com relação à riqueza “πλουτεῦντα: πλούτω δ’ ἀρετὴ καὶ κῆδος ὀπηδεῖ” ou “tendo enriquecido, a virtude e a glória seguem os ricos”. Enquanto em Virgílio o desejo de enriquecer em si parece nocivo, em Hesíodo ele vem como um fruto natural do trabalho e, com ele, a glória e também a inveja dos outros. Em Virgílio, mais uma diferença, a inveja parece estar diretamente associada a qualquer glória e a qualquer desejo de enriquecimento, arrolados todos na lista daquilo que o camponês que sabe de seus benefícios (o conhecimento é condição necessária) evita.

Em verdade, o poeta apresenta um apreço pelo isolamento e pela vida longe da inveja, do enriquecimento, e em diversos momentos parece corresponder a um dogma não estranho à filosofia antiga: o de que o sábio deveria ser capaz de viver de maneira autossuficiente e independente das ações políticas, bem como em controle de seus próprios desejos e impulsos. O mesmo ideal aparece com bastante impacto na vida do velho de Tarento, episódio importante do livro IV (vv. 116-148). Nesse trecho, Virgílio descreve a vida de um sábio que conheceu no momento de uma viagem na qual se apressou para encontrar a terra. Esse senhor, um *senex*, vivia em um jardim de pouca extensão (*pauca iugera*) e que era desprovido de arado e de gado para a reprodução (*fertilis iuuencis*), o que corrobora o ideal de pobreza que marcava a vida desse personagem (Rat, 1967). Esse sábio sobrevivia unicamente das plantas que ele colhia em seu território e, além disso, ele respeitava os impulsos da natureza aprendendo a colher no inverno os jacintos e se preparar para os plantios da primavera – coisa que importa também no cultivo do campo nas Geórgicas.

Entretanto, em que pese a admiração do poeta pela vida do sábio, o mundo geórgico não o comporta e o próprio poeta admite que esse assunto está de fora da realidade que ele aborda:

*Ille etiam seras in uersum distulit ulmos,
Eduramque pirum et spinos iam pruna ferentis
Iamque ministrantem plantanum potantibus umbras.
Verum haec ipse euidem spatiis exclusus inquis
Praetereo atque aliis post me memoranda relinquo. (IV, vv. 144-148)*

Ele então plantou olmos enfileirados, a duríssima pera, as ameixeiras que já começavam a fazer frutos, e os plátanos que já geravam para sombras para aqueles que tinham sede. Em verdade, eu próprio excluído pela pequenez do espaço, vi esse velho, mas deixo que essa sequência seja lembrada por outros depois de mim.

Mesmo antes de iniciar o assunto do velho de Tarento, Virgílio já comentava sobre o quanto as abelhas, assunto do livro IV, eram apropriadas para um mundo florido e de jardim, *hortus*, provavelmente protegido pela simplicidade de deuses como Priapo mas cujo cuidado, infelizmente, estavam ausentes do assunto de seu livro. De fato, o poeta entende que o jardim é alheio ao mundo da plantação e do cultivo, pelo menos em termos éticos. Os *horti* latinos tinham afinal a intenção primeiro de fornecer aqueles legumes e frutas que se pode plantar para auxiliar na alimentação do lar, mas que dificilmente circulam grandes distâncias de comércio dada a possibilidade de que apodreçam. O único autor de agricultura romana a ter abordado o cultivo das hortas parece ter sido Columela (cf. Plaistowe, s.d.), muito embora ele certamente fosse parte integrante da terra e da alimentação de todos aqueles que viviam no campo. Em Virgílio, a apresentação desse ambiente ocorre de maneira idealizada, sobretudo pela sua pequenez que evita a entrada de um segundo humano, mas também pelo fato de o jardim não estar contíguo à propriedade rural. De certa maneira, é essa presença que demonstra a exclusão: apesar de o poeta buscar no mundo agrícola a representação da felicidade e da tranquilidade, não é sempre que ela será encontrada. Lembremos: era feliz o agreste que pode conhecer as causas das coisas (II, 490), era feliz aquele que sabe reconhecer seus benefícios (II, 458-459)⁴. Aqueles que não sabem reconhecer esse tipo de fortuna, não encontram o caminho da felicidade.

De fato, o mundo da agricultura, para além da vida do trabalhador, era percebido em Roma também como local de rusticidade, de baixa educação, de falta de controle dos impulsos – ao menos é o que

⁴ O fortunatos nimium, si sua bona norint, // agrícolas! Quibus ipsa, procul discordibus armis...

percebemos ao analisar textos que deploram a vida dos camponeses, desde Plínio, o Velho, à Priapeia. De um lado talvez mais elogioso, percebemos que a Virgílio o mundo agrícola feliz não era aquele que formava os cidadãos para a guerra tampouco. Essa atividade, e talvez mesmo as atividades civis, não eram tão desejadas enquanto criadoras de comportamento ideal para ouvintes das Geórgicas e que deveriam com ela aprender. Todos esses fatores também acabam sendo implicados quanto às representações desses camponeses.

Logo no primeiro livro, adentramos o mundo do cultivo por uma enumeração dos deuses do campo que comprova uma imitação de Varrão na obra de Virgílio. Em seguida, somos levados a um hino em elogio a César no qual o poeta parece convocar o imperador a aceitar que receberá honras funerárias e a usar delas para apadrinhar os agrestes. Ao final desse proêmio, iniciamos a trabalhar o campo junto com Virgílio e junto com o arado:

*Vere nouo, gelidus canis cum montibus umor
liquitur et Zephyro putris se glaeba resoluit,
depresso incipiat iam tum mihi taurus aratro
ingemere et sulco attritus splendescere uomer.
illa seges demum uotis respondet auari
agricolae, bis quae solem, bis frigora sensit;
illius immensae ruperunt horrea messes. (I, 43-49)*

Na nova primavera, quando o gélido humor dos montes se dissolver pela estrela canina e a gleba se desfaz carcomida por Zéfiro, que então começa, por mim, o touro a gemer no arado que afunda, e a reja a brilhar riscada dos sulcos. Aquela seara dos campos, que viu o sol e sentiu o frio duas vezes, responde aos votos do agricultor avaro, romperam os silos de colheitas imensas.

A figura da abertura é certamente agradável. Ela apresenta o frio que se esmaece e a primavera começando. Uma espécie de continuidade com as idades e com tempos anteriores também é sugerida porque não encontramos aqui um agricultor que está plantando pela primeira vez, mas um que já está habituado ao plantio. Pelo uso do passado nos verbos (e.g. *ruperunt*, *resoluit*), o trabalhador já se encontra com um silo repleto e em boa condição de trabalho. Novamente, encontramos também a menção ao posio, técnica comum dessa agricultura antiga (Mazoyer & Roudart, 2010), mas que pertenceria provavelmente a propriedades já de tamanho um pouco mais abastados.

Entretanto, nesse contexto que parece de produção, trabalho, e até mesmo de exploração do touro que trabalha para o poeta *mihi*, o agricultor, que ali vive, não é descrito de maneira positiva. No trecho em que lemos, até mesmo os votos aos deuses feitos por ele indicam a avareza, ou o desejo de acúmulo. Tal adjetivo certamente também coloca problemas na grandeza dos silos que se rompem: seria essa abundância realmente um feito admirável? Anteriormente, ao final do hino de César e, portanto, antes de iniciar o trabalho sobre a agricultura, Virgílio convoca o imperador a ingressar junto a ele e aos *ignarusque agrestis*, determinando também a falta de educação ou no mínimo de conhecimento desse universo.

O desprezo com relação à grande propriedade e à avareza aparece também nos outros livros das Geórgicas. Entre os versos II. 244-253, no momento em que descreve os diferentes tipos de terras e quais melhor escolher, trata do solo úmido que é mais fértil que os demais. *Umida maiores herbas alit ipsaque iusto laetior*, ou seja, ‘a úmida sustenta ervas mais felizes do que é para ela própria justo. E continua: *A! nimium ne sit mihi fertilis illa // nec se praeualidam primis ostendat aristis!*. “Ah, que ela não seja para

mim fértil em demasia, nem se mostre fortíssima já nas primeiras espigas.” Apesar de discutir a vida das terras e das plantas, o contexto em que Virgílio reflete sobre a natureza do terreno serve para que o agricultor saiba escolher a terra na qual quer plantar⁵. Assim, a lição de que a terra não deve ser exageradamente produtiva, para o escritor, serve inclusive como corroboração da imagem de que o poeta não apreciava a riqueza e, posteriormente em suas biografias, de que ele teria mesmo negado algumas propriedades que lhe haviam sido presenteadas por sua aversão ao latifúndio.

Por fim, nenhuma afirmativa das *Geórgicas* apresentaria melhor o elogio da pobreza agreste do que a noção de que, no trabalhoso plantio da vinha para ter em sua propriedade um pouco de Baco, o agricultor deve cultivar um pequeno terreno:

*primus humum fodito, primus deuecta cremato
sarmenata, et uallos primus sub tecta referto;
postremus metito. bis uitibus ingruit umbra,
bis segetem densis obducunt sentibus herbae;
durus uterque labor: laudato ingentia rura,
exiguum colito... (II, 408-413)*

Primeiro deve cavar a terra, e primeiro queimar as ramas caídas da videira e primeiro recolocá-las sob o abrigo de estacas; depois, duas vezes a sombra se apressa sobre a videira, duas vezes a erva cobre a seara com densa sarça; o trabalho é duro dos dois lados⁶: louve os grandes campos, cuide de um pequeno.

Nesse trecho temos de maneira bastante clara a ideia que Alain Michel (2015) parafraseou. Ao descrever o trato com a vinha, o poeta explica a necessidade de se manter sempre trabalhando, e de plantá-la com cuidado. O cultivo da parreira ocupa grande parte do livro II, que deveria tematizar o cultivo das plantas frutíferas e não cerealíferas. Aqui, entretanto, o trabalho é mencionado em comparação com aquele do campo, novamente em referência aos dois pousios – já que a sombra tocara a uva duas vezes, conforme a mudança da posição do sol das estações. Nessa aproximação, que relembra a história do agricultor avarento, Virgílio usa da carga de trabalho descrita como maneira de desencorajar o acúmulo de terras. Em termos éticos, novamente esse poeta estaria revertendo o conceito de Hesíodo, o qual afirma “μείζων μὲν φόρτος, μείζων δ’ ἐπὶ κέρδεϊ κέρδος”, ou seja, “maior a carga, maior o lucro”. Para o grego arcaico, a intenção de lucro é evidente na tentativa de comercializar e na necessidade de trabalhar. Já o poeta romano sustenta para esse trecho, formalmente, não apenas a referência a Hesíodo, mas também a manutenção de um discurso que carrega tons de cultura popular e talvez até rural (Thomas R., 2019): como aquele que Cícero detestava em seus escritos sobre Retórica (*De Oratore*, 3. 41-43), Virgílio acumula expressões em imperativo futuro que relembra os rituais, estrofes com formatos arcaicos, variações de latim antigo. Nesse ínterim, e talvez pela adição de uma carga de tradicionalismo camponês romano, o poeta estaria exatamente sugerindo que o rural que ele também admirava não é o luxuoso e derivado do contato com a cultura grega, mas sim o simplório de pequenas propriedades como as que alguns movimentos políticos buscavam recriar em Roma. É sobretudo o rural que uma pessoa pode trabalhar apenas para se sustentar.

Entretanto, como vimos, apesar de elogiar a vida do agricultor simples e do cultivo pessoal, o poeta não apresenta apenas uma das realidades: pobreza e riqueza, simplicidade e avareza aparecem no livro

⁵ Novamente, sabemos que se se trata de um colono que recebe essas terras como prêmio por sua carreira militar, a escolha é sensivelmente menos uma possibilidade.

⁶ É possível que Virgílio esteja comparando o trabalho da videira com o da seara.

como descrição dos diferentes impulsos campestres. As Geórgicas não figuram, afinal, apenas aquilo que elas admiram. De maneira muito mais complexa, esse *rus* apresentado é um campo certamente artificial, no qual se pode plantar toda a variedade de produtos cultivados no livro, de cereais até as abelhas, e no qual se pode também aplicar toda a diversidade de técnicas necessárias para cada cultivo, do arado ao enxerto e aos rituais mágicos de criação de abelhas. O camponês que trabalha essa terra também trabalha sozinho e desempenha todas as funções que são necessárias para ele.

Nesse ambiente, é certo que o trabalho pode trazer lucratividade e enriquecimento – donde a avareza do camponês – ele também escraviza os animais. Além disso, em termos didáticos, para dar conta de uma gama de assuntos, o poeta acaba então representando um campo do qual, na realidade, ele próprio é crítico, e um camponês que idealmente deveria realizar todas as atividades mesmo que sejam humanamente impossível. Assim, quando possível, em contexto de jardinagem ou mesmo em contexto de plantação de frutos, Virgílio buscará demonstrar que a felicidade desse camponês está associada necessariamente a uma vida que se afaste desses ideais de enriquecimento e de lucratividade. Com efeito, esse campo trata fortuna ao camponês quando for individual, quando seu foco for a subsistência, quando seu capital permitir antes a perduração na História do que o envolvimento em seu curso pelas guerras ou debates políticos do mundo urbano e de obrigações sociais. É nesse sentido que Virgílio reafirma o ideal de pobreza (*infirmis paupertas*) enquanto estilo de vida mais pacífico e eticamente mais apreciável. Mas ainda que alguns aspectos do mundo agrário sejam elogiosos, esse mesmo mundo convive com aspectos negativos como a possibilidade de enriquecimento e de produção em escala maior do que a da necessidade humana.

Considerações finais

Como vimos, as Geórgicas podem ser lidas como um livro do gênero de epos didático, que além de ter a funcionalidade prática de dar dicas sobre o cultivo da terra, também, como a épica, elabora visões éticas e valores da cultura romana. Nesse artigo, tendo percebido as Geórgicas como parte da reflexão do poeta sobre o mundo do trabalho agrícola, pudemos isolar discussões éticas elaboradas por Virgílio e que demonstravam, mesmo em um poeta associado a Augusto, a expressão de concepções que nem sempre são percebidas como valores do mundo do trabalho romano para a historiografia. Se em autores como Catão, Plínio, Salústio e Tito Lívio, percebemos uma imagem recorrente da vida camponesa indicando a manutenção das tradições romanas, do *mos maiorum*, em Virgílio há um afastamento desta lógica e, também, da tradição Hesiódica que elogia o trabalho do agricultor e o acúmulo de terra. A agricultura, ao menos nas Geórgicas, não é uma atividade imaculada e idealista, talvez nem mesmo tão coerente. Em determinados momentos, associada com a pobreza, a independência e a distância da política e da guerra, essa atividade laborativa pode trazer para os humanos alguma compreensão da natureza e sobretudo uma independência daquelas questões que turvavam a percepção de mundo de alguém engajado com alguma filosofia. Certamente, nessa imagem, Virgílio toma referência de seus anos de estudo epicuristas. Mas em outros momentos, assume que a realidade do agricultor era também de trabalho e estenia – chega mesmo a apresentar esse labor como o da destruição do mundo, do conflito e do acúmulo, coisa sobre a qual expressa seu desencanto.

Dessa forma, transformando conceitos importantes para sua cultura, o poeta apresenta a ambiguidade do esforço humano para a vida, na produção agrícola, como base de problemas comportamentais humanos. Ao realizar seu empenho sobre o natural, o agricultor pode tanto trazer para si a felicidade das plantações e do autossustento quanto elaborar um mundo contraditório no qual o acúmulo leva a guerra. O tamanho e a riqueza do campo mostram, assim, ao menos duas diferentes possibilidades de vida agrícola. Essa heterogeneidade nas visões do poeta do campo, causou muita discussão sobre qual seria a real lição das *Geórgicas* sobre a vida dos agricultores, a ética de modo geral e até sobre a natureza. De nosso ponto de vista, não é necessário tomar uma atitude radical nem imaginando no poema excessivo apreço ou desprezo pela vida rural. Mas justamente ao convocar a uma percepção complexa do mundo e do sofrimento humano e ao observar, de maneira ambígua a vida humana na terra, talvez o poeta visse no camponês também a possibilidade de convidar a uma reflexão mais profunda sobre o comportamento, a importância de resistir às investidas e ao mesmo tempo apreciar os momentos de felicidade sem buscar neles o exagero ou o luxo, causadores de conflito. Conhecer as causas das coisas era importante para o agricultor e sua felicidade. Essa mesma atitude ambígua poderíamos perceber na relação entre os humanos, os animais e o amor, mas esses são temas para outras reflexões. Nesse caso, como ficou claro, das possibilidades de vida agreste aquela realmente digna é a da simplicidade, da pobreza e da subsistência. Assim, descrevendo o trabalho no campo de modo poético, Virgílio nos fornece elementos para pensar o contexto agrário, o trabalho, a propriedade, as relações com o lucro, temas fundantes para estudo da economia do período, mas também, explora, por meio da ética, os limites dos sentimentos humanos e seus conflitos. Neste sentido, os versos das *Geórgicas*, ao serem (re)lidos/ouvidos em um contexto capitalista neoliberal que vivemos hoje, de precarização das relações de trabalho e da exploração sistêmica dos recursos naturais, não deixam de nos incomodar e, podem, quem sabe, inspirar novas reflexões ético-políticas sobre economia e cultura no passado romano e, porque não, de resistência, no nosso cotidiano.

Referências bibliográficas

Textos antigos

- Cicero, De oratore. Tradução de E. W. Sutton. Cambridge, Massachusetts: Loeb Classical Library, 1967.
Plínio o Velho
- Priapeia*. Tradução de João Ângelo de Oliva Neto. Cotia : Ateliê Editorial, 2006.
- Virgile, Oeuvres. Texte établi et traduit par Philippe Heuzé et Jeanne Dion. Paris: Gallimard, 2015.
- Virgílio, Bucólicos, Geórgicas y Apéndice virgiliana. Tradução Vidal, J. L. Madri: Editorial Gredos, 1990.
- Virgílio, Las Bucólicas y las Geórgicas. Tradução de Gomez de Miguel, E., & Bautista Bergua, J. Madrid: Ediciones Ibéricas Madrid: Ediciones Ibéricas, 2011.

Referências contemporâneas

- DOODY, A. (2007). Virgil the farmer? Critiques of the Georgics in Columella and Pliny. **Classical Philology**, 102, 180-197. Acesso em 03 de 12 de 2021, disponível em <http://www.jstor.org/stable/10.1086/523737>.
- FATHAM, E. (2006). Introduction. Em P. Fallon, **Vergil's Georgics** (pp. xi-xxxiv). Nova Iorque: Oxford University Press.
- FUNARI, P.P.A. e Garraffoni, R.S. (2006). Economia romana no início do Principado. Em G. Ventura e N. Mendes. **Repensando do Império Romano: Perspectiva sócio-econômica, política e cultural**. Rio de Janeiro: Mauad, pp. 53-64.
- GALE, M. (2004). **Vergil on the Nature of Things: the Georgics, Lucretius and the Didactic Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press.
- GALE, M. R. (2008). Vergil's metamorphoses: myth and allusion in the Georgics. Em K. Volk, **Oxford's readings in classical studies: Vergil's Georgics** (pp. 94-127). Nova Iorque: Oxford University Press.
- GALINSKY, K. (1996). **Augustan culture: an interpretive introduction**. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press.
- GARRAFFONI, R. S., & Cozer, A. (2020). Fustel de Coulanges: a cidade e a história antiga como terrenos de disputas. Em G. J. Silva, & A. G. Carvalho, **Como se escreve a História da Antiguidade: olhares sobre o antigo** (pp. 113-125). São Paulo: Editora Unifesp.
- GOMEZ DE MIGUEL, E., & Bautista Bergua, J. (2011). Las Geórgicas. Em Virgílio, **Las Bucólicas y las Geórgicas** (pp. Posição 1107-1228). Madrid: Ediciones Ibéricas.
- GRIMAL, P. (1992). **Virgílio ou o segundo nascimento de Roma**. (I. d. Benedetti, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- LE GLAY, M., Voisin, J.-L., & Le Bohec, Y. (1991). **Histoire Romaine**. Paris: Presses Universitaires de France .
- MARCONE, A. (2011). **Storia dell'Agricoltura Romana**. Roma: Carocci Editore.

- MAZOYER, M., & Roudart, L. (2010). **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. Brasília: NEAD.
- MICHEL, A. (2015). Notice: Géorgiques. Em J. Dion, & P. Heuzé, **OEuvres Complètes de Virgile** (pp. 1115-1133). Paris: Pléiade.
- MICHEL, A. (2015). Notices. Em J. Dion, & P. Heuzé, **Virgile: oeuvres complètes** (pp. 1115-1133). Paris: Gallimard.
- OLIVA NETO, J. A. (2013). **Dos Gêneros de Poesia Antiga à sua Tradução em Português**. São Paulo: Tese Apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo como requisito à obtenção do título de Livre Docente.
- RAT, M. (1967). Introduction. Em Virgile, **Les Bucoliques, Les Géorgiques** (pp. 13-23). Paris: Flammarion.
- REMESAL, J. (2002). "Heeresversorgung im frühen Prinzipat. Ein Art, die antike Wirtschaft zu verstehen", in: **Münstersche Beiträge z. antiken Handelsgeschichte**, pp. 69-84.
- ROBERT, J.-N. (1985). **La vie à la campagne dans l'Antiquité Romaine**. Paris: Les Belles Lettres.
- SPURR, M. (2008). Agriculture and the Georgics. Em K. Volk, **Oxford Reaginds in Classical Studies** (pp. 14-42). Nova Iorque: Oxford University Press.
- THIBODEAU, P. (2011). **Playing the farmer: representations of Rural Life in Vergil's Georgics**. Los Angeles: University of California Press.
- THOMAS, R. (2019). Aesthetics, form and meaning in the Georgics. Em B. Xinyue, & N. Freer, **Reflections and New Perspectives on Vergil's Georgics** (pp. 45-64). Londres: Bloomsbury.
- THOMAS, R. F. (2008). Agriculture and the Georgics. Em K. Volk, **Oxford Readings in Classical Studies: Vergil's Georgics** (pp. 43-80). Nova Iorque: Oxford University Press.
- TROUTIER, J. (2009). **La sacralisation de la propriété foncière. Le phénomène et ses manifestations chez les poètes de l'époque augustéenne**. Besançon: Tese de doutorado apresentada à Ecole Doctorale "Langage, Espaces, Temps, Sociétés" da Université Franche-Comté.
- VIDAL, J. L. (1990). Introducción General. Em Virgílio, **Bucólicas, Geórgicas y Apéndice Virgiliana** (pp. 7-147). Madri: Editorial Gredos.
- ZANKER, P. (1988). **The power of images in the age of Augustus**. Ann Arbor: University of Michigan Press.